

Um romance sobre perder a inocência e entregar-se ao mundo por inteiro, o livro ***Gostaria que você estivesse aqui***, de Fernando Scheller – autor paranaense nascido em 1977 – é ambientado na década de 1980, no Rio de Janeiro, quando o tempo é de contradições. À efervescência musical e a uma febril vontade de viver, unem-se a instabilidade política, a aterrorizadora epidemia de Aids e o aumento do tráfico nas favelas. E cinco personagens, de idades diferentes, aspirações diferentes, mundos diferentes, veem a vida mudar completamente. Inácio, apaixonado por Baby, larga a faculdade de engenharia quando conhece César, produtor musical gay que, como Baby, busca encontrar o próprio lugar no mundo. Selma, mãe de César, lida com o abandono do marido e o medo de perder o filho. Em seu prédio, trabalha Rosalvo, paraibano recém-chegado à Rocinha em busca do assassino de sua filha trans.



Em cartaz na PUC Rio, a exposição ***Respiração*** é uma exposição internacional que reúne universidades católicas de diferentes países em torno da arte como lugar de pensamento, diálogo e construção de uma sociedade mais humana e empática. Instalada no Museu Universitário Solar Grandjean de Montigny, no campus da universidade, com curadoria do pesquisador português Nuno Crespo, apresenta obras de artistas de sete países e busca estreitar a relação entre o panorama artístico contemporâneo e o meio acadêmico internacional. Dividida em três eixos, a atração apresenta o vídeo In-Out, de Anna Maria Maiolino, italiana radicada no Rio; a instalação audiovisual The White Album, do americano Arthur Jafa; a instalação Black Corporeal, de Julian Knxx; além de peças de Brígida Baltar e criações inéditas de Carminho e João Pimenta Gomes. Depois da temporada carioca, a mostra passará por Estados Unidos, Chile, Colômbia, Itália, Portugal e Angola. Solar Grandjean de Montigny. Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea. Seg. a sex., 10h/17h. Grátis. Até 15 de novembro.



Solar Grandjean de Montigny. Monumento nacional desde 1938, o espaço promove o encontro entre a universidade, a arte e a sociedade, com a mostra ***Respiração***.

Baseado no livro homônimo, de Claire Keegan, indicado no Roteiro Cultural ano 5, n. 27, o filme ***Pequenas coisas como estas*** é um drama irlandês, dirigido por Tim Mielants, escrito por Enda Walsh e estrelado por Cillian Murphy (que também atua como produtor), Eileen Walsh, Michelle Fairley, Emily Watson, Clare Dunne e Helen Behan. Uma coprodução internacional entre Irlanda e Bélgica, o filme aborda as infames Lavadeiras de Madalena na Irlanda. Lá viviam mulheres consideradas “fora dos padrões” da sociedade, como mães solo, órfãs e vítimas de abuso. O filme se passa em 1985 e utiliza a história pessoal do protagonista para mostrar o conflito entre manter a estabilidade de sua família e enfrentar uma instituição que tem grande influência sobre a comunidade. O filme encerra com uma dedicatória às vítimas das Lavanderias de Madalena, que funcionaram de 1922 a 1998.

Disponível no Prime Video.



Você sabia?

Você sabia que o cinema brasileiro foi o pioneiro em filmes de ficção na América Latina? O cinema brasileiro remonta ao final do século XIX, quando a primeira sessão de cinema aconteceu em nosso país. As primeiras filmagens ocorreram entre 1897 e 1898. Em 1895, os irmãos Lumiere inventaram um aparelho, o cinematógrafo, que tornou possível a reprodução de pequenos filmes, dando origem ao cinema e às salas de cinema no continente europeu. Poucos depois de sua invenção, o cinematógrafo chegou ao Brasil, e em 8 de julho de 1896, a primeira sessão de cinema foi realizada no país, com pequenos filmes com cenas europeias. As primeiras filmagens realizadas no Brasil foram feitas por Vittorio di Maio, Afonso Segreto e José Roberto Cunha Salles. Os primeiros filmes produzidos aqui no Brasil retratavam cenas do cotidiano. Em 1908, foi lançado ***Os estranguladores*** — um drama policial mudo baseado em *A Quadrilha da Morte*, de Rafael Pinheiro e Figueiredo Pimentel, peça sobre um crime acontecido no Rio de Janeiro —, dirigido e produzido por Francisco Marzullo, com Antônio Leal sendo o operador da câmera. Como protagonistas estavam Francisco Marzullo e João Barbosa; como os criminosos, Carleto e Eugenio Rocca. Naquela época, muitos filmes nacionais buscavam inspiração em acontecimentos reais e eram produções de orçamento e qualidade técnica baixos, mas, mesmo assim, as primeiras produções com histórias de ficção foram produzidas. Entre os filmes, houve obras que tiveram mais de 800 exibições, um número muito expressivo para a época. O Cinema Novo e o Cinema Marginal foram duas importantes correntes do cinema nacional, mas isso é outra história.



Cartaz de *Os estranguladores*, primeira produção ficcional do Brasil (1908).